

RELIGIÃO E VIOLÊNCIA NA PERIFERIA DE SÃO PAULO¹

Alice Abi-Eçab²

RESUMO

Ambas as questões têm apresentado forte presença nas periferias e bairros pobres paulistanos: violência urbana e pentecostalismo. Explorando o contexto de desigualdade social vigente no país, a religião pentecostal consegue cada vez mais atrair seguidores das camadas pobres com as suas promessas de prosperidade material e “salvação dos problemas mundanos”. Seria a conversão ao pentecostalismo uma opção de sobrevivência nas periferias de São Paulo? Com exploração de produções científicas, cruzamento de dados estatísticos, exercícios de campo e vivência de uma práxis a fim de problematizar a relação existente entre a opção religiosa e a incidência da violência, a hipótese levantada é conhecer e reconhecer se nestas comunidades os grupos pentecostais estão menos expostos à violência urbana do que aqueles não pentecostais.

Palavras-chave: violência urbana, pentecostalismo, pobreza

Brevidade sobre a violência

O debate nacional acerca da violência alcançou grande importância nas últimas décadas, atraindo estudiosos de diversos segmentos acadêmicos e ideológicos. O tema violência urbana foi abordado sob variados prismas e diferentes concepções de entendimento.

Uma das vertentes de estudos sobre a questão defende a ideia de que a violência dos dias presentes se construiu através de causas estruturais, ou seja, fundamentalmente a

¹ O resumo desta Iniciação Científica foi publicado nos anais do 19º Encontro de Iniciação Científica PUC-SP (Práticas Científicas, Relações Humanas e o Futuro – outubro/2010), com fomento PIBIC-CNPq e sob orientação do Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur.

² Bacharel no Curso de Serviço Social pela Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP. Contato: abi_ecab@hotmail.com

violência se estabeleceu e criou suas raízes através do movimento histórico e aliado ao modo de produção capitalista, hoje encontrando terreno fértil para crescer na atual conjuntura de política neoliberal e de crise das instituições, as quais são parte dos alicerces de uma sociedade.

São as expressivas disparidades – sociais, econômicas, jurídicas – existentes no interior da sociedade e unidas por centenas de anos de displicência institucional, que permeiam as relações sociais da história brasileira, e mesmo sofrendo transformações, continuam persistindo até os dias atuais.

Sob o prisma estrutural, Soares (2000) caracteriza a violência na ausência de condições dignas de existência humana, incluindo oferta de empregos e salários justos, moradia, educação, saúde, segurança e outros direitos preconizados pelos ideais de cidadania. Esta violência estrutural com um viés institucional está ligada à trajetória do processo histórico-cultural brasileiro, com heranças da sociedade agrária e escravocrata – o patrimonialismo³ – responsáveis pela exclusividade dos direitos de cidadania para as elites e classes sociais abastadas.

Mais ainda, o autor afirma que a sociedade brasileira vivendo sob uma Constituição de princípio liberal-democrata e sofrendo inúmeras dificuldades de sobrevivência (característica própria da situação de Estado Mínimo), especialmente a consistente faixa da população que vive em condição de vulnerabilidade e risco social, estaria propensa ao exercício da desobediência civil⁴ e seus efeitos:

rezam todas as cartilhas liberais que a obediência ao Estado só é devida se as condições elementares que induziram ou induzem à vida ordeira, sob autoridade concertada do Estado, forem mantidas ou enquanto o forem. A impotência do Estado em prover segurança e meios adequados de sobrevivência, que incluem chances de prosperidade, libera os indivíduos do dever da obediência e legitima a desobediência civil (SOARES, 2000).

Partindo aos dados, a Secretaria Municipal de Planejamento da cidade de São Paulo publicou no ano de 2008 o estudo *Violência e Criminalidade*, um volume da série *Olhar*

³ Estrutura de dominação cuja legitimidade esteve assentada nas relações entre grandes proprietários rurais, representantes do estamento burocrático e clientelas locais às quais se distribuam prebendas em troca de favores ou de apoio político. Esta estrutura perdurou por cerca de seis décadas (1822-1889) e contribuiu para consolidar elites políticas regionais (ADORNO, 2002).

⁴ Desobediência civil é uma forma de protesto a um poder político geralmente visto como opressor (seja o Estado ou não). É um conceito formulado originalmente por Henry David Thoreau e aplicado com êxito por Mahatma Gandhi no processo de independência da Índia e do Paquistão.

São Paulo⁵ voltado às análises mais recentes relativas ao tema segurança pública. Examinando os mapas⁶ citados nesta pesquisa, a relação entre o espaço urbano e a violência destacou uma dinâmica intra-urbana a todo momento desigual e com a tendência desta desigualdade se concentrar com mais vigor nas áreas com situação de maior pobreza, de maior dificuldade de acesso a bens e serviços; enfim, nas regiões com maior exposição ao risco social.

Contemporâneo à pesquisa citada foi divulgado o *Mapa da Violência 2010 – A Anatomia dos Homicídios no Brasil*⁷, trazendo um levantamento sobre as mortes violentas ocorridas no Brasil entre 1997 e 2007. Baseado nos atestados de óbito do SIM (Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde), o estudo mostra que a taxa de homicídios apresentou declínio no país no período de dez anos, com oscilação nos registrados entre os anos 2004 e 2007.

Contudo, é importante frisar que as análises sobre o *Mapa da Violência 2010* levam em conta o crescimento populacional no período. Isto significa dizer que, mesmo o número absoluto de homicídios ter aumentado em dez anos como traz o levantamento, o crescimento populacional aumentou mais, ou seja, a população cresceu mais do que o número de mortes violentas. Daí surge a aparente “diminuição” das taxas de homicídios no Brasil.

Os números das pesquisas são um panorama da atualidade que o país vive. Ainda não existem no Brasil dados oficiais sobre delinquência, crime e violência urbana, existem especificamente levantamentos sobre a incidência de homicídios e que analisam a mortalidade por causas externas. Mais além, as estatísticas oficiais sobre criminalidade sofrem diversos obstáculos na busca de quantificar com veracidade a realidade. Dentre estas dificuldades estão as “negociações” paralelas entre vítimas, agressores e autoridades e também a desistência da vítima (família, parentes, amigos, vizinhos) em registrar o delito por descrédito no trabalho das instituições, entre outros mais (ADORNO, 2002). Na realidade, cenário social de violência urbana certamente tende a ser ainda mais preocupante.

⁵ Disponível em: <http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/mm/criminalidade/>

⁶ Bases de dados utilizadas: Pro-aim (Programa de Aprimoramento de Informações sobre Mortalidade da Secretaria Municipal de Saúde), Infocrim (Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo), Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), CAP (Coordenadoria de Análise e Planejamento da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo), NEV (Núcleo de Estudos da Violência da USP), Instituto São Paulo contra a Violência e da própria Secretaria Municipal de Planejamento.

⁷ Disponível em: <http://www.institutosangari.org.br/mapadaviolencia/MapaViolencia2010.pdf>

Com os dados e estudos aqui reunidos, brevemente é possível visualizar o panorama de vida de milhares de famílias em São Paulo, acorrentadas pelas disparidades sociais e pelos dramas decorrentes da situação precária em que vivem, além da influência exercida pelo meio em suas escolhas e construções pessoais.

Enredo social e crescimento pentecostal

Cenário: bairros pobres paulistanos. Condição: baixo IDH, precária qualidade de vida, dificuldade de acesso a bens e serviços públicos e privados, vulneráveis socialmente, muitas vezes em situação de risco e com maior suscetibilidade às diversas violências. Protagonistas: famílias com baixíssima renda (quando não em desemprego), vivendo na dependência de políticas governamentais de repasse de verba e com incerta expectativa de vida.

Para este funesto enredo, quando existe perspectiva de melhorias, a saída destes brasileiros está em cavar alternativas para sobrevivência em meio à dinâmica seletiva e burguesa da sociedade. Na busca para suprir tais dificuldades de acesso às instituições e aos seus respectivos equipamentos e serviços, uma das tentativas de escape utilizadas pelos grupos populacionais está na prática da religiosidade⁸, principalmente da religião constituída pelos pentecostais, a qual está em visível crescimento no Brasil.

Dados sobre religião das duas últimas décadas, divulgados pelo Censo Demográfico 2000 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), confirmam o crescimento do número de evangélicos pentecostais⁹ no Brasil. Em 1980 havia 3,9 milhões de adeptos do pentecostalismo, em 1991 já havia 8,8 milhões e no ano de 2000 comportava pouco mais de 26 milhões. Seguindo a evolução em nível nacional, em números absolutos o crescimento foi mais que setuplicado, ou seja, desde os anos 40 o pentecostalismo se expandiu muito expressivamente, com a tendência de estes números continuarem

⁸ A partir de uma pesquisa quantitativa na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) entre os mais pobres que participam de alguma associação, cerca de 70% estão em associações religiosas. Logo, o associativismo nas classes menos favorecidas é predominantemente religioso (ALMEIDA, 2004).

⁹ O termo evangélico abrange as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista, Batista, Adventista), as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção etc.) e as neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra, etc.). Brevemente, pode-se dizer que o pentecostalismo distingue-se do protestantismo histórico, do qual é herdeiro, por pregar a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, como a glossolalia (dons de línguas) cura e discernimento de espíritos, cura de enfermos, a expulsão de demônios, a concessão divina de bênçãos e a realização de milagres (MARIANO, 2004).

crescendo com o passar dos anos. Isso em parte devido aos meios utilizados pelas igrejas evangélicas pentecostais para converter e incorporar mais fiéis, como também em decorrência do quadro de necessidades sociais que a população residente nas áreas periféricas em situação de pobreza enfrenta diariamente.

Tabela I

ANOS	EXPANSÃO EVANGÉLICA (%)	CRESCIMENTO MÉDIO ANUAL (%)
1940	2,6	4,9
1950	3,4	4,7
1960	4,0	5,3
1970	5,2	4,9
1980	6,6	4,8
1991	9,0	7,9
2000	15,4	

Fonte: Censos Demográficos do IBGE (compilação).

A partir do Censo 2000, o Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas¹⁰ processou dados gerais sobre o crescimento evangélico na cidade de São Paulo, traçando uma comparação evolutiva entre os anos de 1991 (8,42% de evangélicos) a 2000 (15,94% de evangélicos).

O crescimento verificado foi bastante expressivo, pois o catolicismo decaiu de forma significativa e foi a religião que mais abriu espaço para a ocupação pentecostal, sendo que esta última apresentou um crescimento mais que duplicado no período de dez anos.

Tabela II

Declaração Religiosa na RMSP (%)	1991	2000
Católicos	78,92	67,05
Evangélicos Tradicionais	2,36	2,81
Evangélicos Pentecostais	6,18	13,59

Fonte: Censos Demográficos IBGE, 1991 e 2000.

¹⁰ Disponível em: <http://www.fgv.br/cps/>

De acordo com Mariano (2004), fica evidente o proveito estratégico das igrejas pentecostais perante o quadro social brasileiro e as suas possibilidades de expansão, pois os dados mencionados indicam que as igrejas pentecostais “*souberam aproveitar e explorar eficientemente, em benefício próprio, o contexto socioeconômico, cultural, político e religioso do último quarto de século no Brasil*”. Mariano ainda destaca para o contexto as acentuadas crises social e econômica e seus rebatimentos na dinâmica da sociedade como o “*desemprego, o recrudescimento da violência e da criminalidade, o enfraquecimento da Igreja Católica, a liberdade e o pluralismo religiosos, a abertura política e a redemocratização do Brasil, a rápida difusão dos meios de comunicação de massa*”.

Desde suas origens no início de 1910¹¹, trazido por missionários estrangeiros de diferentes países, o pentecostalismo vem crescendo intensamente no Brasil. Foi a partir dos anos 80 que o movimento conquistou maior visibilidade pública com programas próprios na televisão aberta e no rádio e ocupando espaços de poder em partidos políticos.

O movimento pentecostal exerce forte atração sobre as camadas em condição de pobreza, inaugurando uma prática religiosa diferenciada da ética tradicional, tanto do catolicismo como do protestantismo histórico. De acordo com ideias que figuram em boa parte da opinião pública, algumas religiões (dentre elas o pentecostalismo) trabalham em baixo nível de racionalidade (por exemplo, diferente do protestantismo histórico e outras tantas) ou são pouco religiosas no conceito mais puro da palavra. Sua postura como religiões “comerciais”, “mágicas” e “místicas” são as críticas mais habituais. Sua representação na sociedade traz a imagem de um segmento religioso composto por pessoas em sua maioria “*honestas e confiáveis na interação face a face, mas pouco tolerantes com religiões e morais alheias, e cujas lideranças costumam ser percebidas com desconfiança, sendo algumas consideradas ambiciosas e arrivistas*” (ALMEIDA, 2007).

¹¹ O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911). A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos surgem: a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), a Brasil para Cristo (1955) e a Deus é Amor (1962). A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1980), trazendo uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estáticas do pentecostalismo (FREESTON, 1994).

Quanto à dilatação do fenômeno pentecostal, somente o contexto social no qual o país vive não é a única causa de seu expressivo crescimento, mas este também é oriundo da habilidade de exploração que as igrejas utilizam nos cultos e demais ações conversionistas:

os altos índices de pobreza, desemprego, desigualdade social, criminalidade, violência, precariedade e informalidade no mercado de trabalho tornam o Brasil terreno extremamente fértil para a prédica pentecostal. Tal contexto socioeconômico, porém, não é o responsável por seu sucesso. A vulnerabilidade e o desespero de grandes contingentes populacionais, em especial das mulheres pobres e mais ainda das negras pobres, vítimas de discriminações de gênero e raça, sem dúvida facilitam seu trabalho e ampliam sua probabilidade de êxito. Mas seu sucesso proselitista não depende da existência de tais problemas em si mesmos, e, sim, justamente de sua elevada capacidade de explorá-los, oferecendo recursos simbólicos e comunitários para seus fiéis e potenciais adeptos lidarem com eles (MARIANO, 2008).

É inegável constatar que as inclinações pentecostais são das mais impactantes. Por exemplo, no que se refere ao sagrado, a soberania de Deus é compartilhada pelos pastores e fiéis (o próprio lema “Deus é fiel” traduz esta característica); o Diabo é confrontado de forma cotidiana pelos membros da comunidade; o ideal de modéstia (a ausência de vaidade ou de luxo, a humildade, a simplicidade no modo de ser, etc.) trazido ao mundo através dos evangelhos cristãos é prontamente recusado; estes estão entre alguns dos principais símbolos pentecostais. Desta maneira visam um novo valor cultural, onde a felicidade, o sucesso e o bem-estar – preocupações de prioridade material – são aguardados nesta vida. A própria Teologia da Prosperidade¹² que fundamenta o pentecostalismo, possui forte cunho de auto-ajuda e valorização do indivíduo, agregando crenças sobre cura, prosperidade (material, principalmente) e poder da fé.

No pentecostalismo são construídas estratégias organizadas que levam em conta a localização da igreja e o público pertencente a tal região para adequar seus cultos e sua linha de abrangência. Desta maneira, cada igreja se apropria dos meios disponíveis para atingir determinados grupos populacionais, seus futuros fiéis. É por esta razão que no pentecostalismo existem tanto igrejas direcionadas à população que detém maior poder aquisitivo e residem em regiões nobres da cidade, quanto igrejas localizadas em periferias que direcionam seus cultos e a promoção do seu produto à população pertencente da

¹² Segundo a Teologia da Prosperidade, aqueles que não desfrutam sucesso em seus empreendimentos devem procurar respostas de caráter individual, e não social ou político. Somente o trabalho, a posse dos bens materiais e a solidariedade entre os seus membros (rede interna) podem garantir uma sociedade igualitária.

mesma região. Mesmo que a ampliação do pentecostalismo como religião da grande massa enfrente barreiras de classe social, o pentecostalismo se desenvolve principalmente na pobreza:

a classe média mais escolarizada, por exemplo, resiste ao tradicional sectarismo, moralismo e ascetismo contracultural das agremiações pentecostais. As igrejas que reduziram e flexibilizaram, por princípio ou estratégia, suas exigências comportamentais, tais como Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra e Bola de Neve, conseguiram conquistar segmentos de classe média. Contudo, mantiveram-se relativamente pequenas. Não se tornaram igrejas de massa, nem parecem deter potencial para tanto. Nesse sentido, tal êxito foi alcançado apenas por denominações que priorizaram o proselitismo dos estratos pobres da população, orientação que caracteriza as que ocupam o topo do ranking nacional¹³. De modo que o Pentecostalismo cresce, sobretudo, na pobreza e na periferia das regiões metropolitanas (MARIANO, 2008).

Assim é possível entender que mesmo pelo fato do pentecostalismo ser tão abrangente e caminhar por todas as camadas sociais, este segmento religioso cresce com mais força nas áreas mais empobrecidas e vulneráveis, pois oferece perspectivas de prosperidade material, promovem o encantamento ideológico e com “soluções aos problemas deste mundo”¹⁴.

como boa parte de seus seguidores é proveniente dos estratos mais humildes da população, o pentecostalismo se desenvolveu com uma linguagem de fácil acesso às camadas populares. Os termos usados, o tipo de música e as pregações se aproximaram com certa facilidade dos setores da população que tentam sobreviver em meio a tantas dificuldades na sociedade capitalista. A proposta imediatista (curas, problemas de emprego) encontrou ressonância nos anseios de segmentos da população que vivem na pobreza. A própria busca da cura pode ser encarada como consequência de um sistema falido e mal administrado, que exclui grande parte da população brasileira (CAMPOS JR, 1995).

Como demonstrado, estas áreas são justamente os locais onde existem as mais diversas dificuldades de acesso a bens e serviços por parte da população em condição de risco social.

¹³ Segundo o Censo Demográfico IBGE 2000, cinco igrejas concentram 85% dos pentecostais no Brasil: Assembléia de Deus (8.418.154 adeptos), Congregação Cristã no Brasil (2.489.079), Igreja Universal do Reino de Deus (2.101.884), Igreja do Evangelho Quadrangular (1.318.812) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (774.827).

¹⁴ O evangelismo midiático em rádio e tevê constitui o mais poderoso meio para atrair e recrutar rapidamente elevado número de adeptos (MARIANO, 2008).

Violência urbana e pentecostalismo: opção de sobrevivência?

Uma das saídas mais expressivas que a população marginalizada encontra para se afastar da violência e do crime organizado – justamente quando não há a intenção de incorporar-se a este mundo – e se afastar da violência urbana cotidiana são os núcleos pentecostais, pois estes criam mecanismos de estabelecimento físico e divulgação ideológica nas comunidades, como as redes sociais de ajuda mútua entre os irmãos¹⁵. Existe uma relação de reciprocidade entre os frequentadores da igreja e os pastores, representada pela regra de ajudar primeiros os “irmãos de fé” e posteriormente até criando vínculos de parentesco, como o matrimônio. A troca religiosa acontece quando as igrejas pentecostais auxiliam (muitas vezes a ajuda é financeira) seus fiéis em momentos onde o poder público claramente se afasta do papel de Estado provedor, enquanto que em troca os fiéis se comprometem com a igreja e seus preceitos.

as redes evangélicas [pentecostais] trabalham em favor da valorização da pessoa e das relações pessoais, gerando um aumento de auto-estima e impulso empreendedor, além de ajuda mútua com o estabelecimento de laços de confiança e fidelidade. Essas redes atuam em contextos de carência, operando, por vezes, como circuitos de trocas, que envolvem dinheiro, comida, utensílios, informação e recomendações de trabalho, entre outros (ALMEIDA, 2004).

Na busca para firmar sérios compromissos religiosos junto aos seus seguidores e os futuros adeptos, o pentecostalismo com a visão em ampliar seu crescimento, oferece além dos serviços mágicos como as curas, o encantamento nos cultos que pregam a adoração ao Espírito Santo que “profetiza” (apocalipse, a volta do Cristo), exige fidelidade ao pagamento do dízimo e procura convencer à conversão. Por meio de ritos e mecanismos, os pastores pentecostais trazem novos significados religiosos ao desemprego, à pobreza, à doença, à briga conjugal, à depressão, à solidão, à infelicidade, ao sofrimento e aos infortúnios em geral.

Portanto, as igrejas conseguem manter o controle sobre seus adeptos, exigindo um comportamento “digno” de um bom seguidor, como não beber e não fumar, muito menos

¹⁵ A observação etnográfica que vem sendo realizada desde 1996 em Paraisópolis – segunda maior comunidade pobre de São Paulo com cerca de 80% dos moradores migrantes da região Nordeste – revelou o papel desempenhado pelas religiões na formação de redes de solidariedade e sociabilidade. Na favela, os templos evangélicos abrigam uma densa rede de relações que atraem pessoas em estado de maior vulnerabilidade (ALMEIDA, 2004).

frequentar lugares propícios que sugerem a violência, como bares e bailes noturnos e se relacionar com companhias deste meio. Em contrapartida, esta envolvente atmosfera pentecostal oferece a possibilidade de sobreviver à violência urbana caótica das periferias e regiões pobres da cidade.

Evitando o “mundo” dentro da política pentecostal, os fiéis conseguem manter sua sobrevivência nas periferias, pois têm na igreja um escudo de proteção à violência, com menor exposição a situações de real risco devido ao comportamento estrito imposto pelas igrejas, como também passam a se identificar como um “grupo santo”, passível de verdadeiro respeito por parte das organizações criminosas que são o poder local¹⁶ paralelo ao poder público e policial em muitas regiões das periferias de São Paulo.

o crescimento do pentecostalismo possui uma relação com a situação social do Brasil (...) a espontaneidade e o emocionalismo funcionam como amortecedores da crise econômica e como forma de enfrentamento dos problemas que atingem os estratos mais pobres da população brasileira (...) o culto pentecostal pode ser entendido como o momento que os fiéis encontram para extravasar suas angústias, resultado das constantes lutas do cotidiano. Ao permitir isso, essas igrejas e seitas [pentecostais] criam as condições ideais para sua expansão (CAMPOS JR, 1995).

A respeito de pesquisas sobre violência e religião, existe uma carência de produções objetivas e de mapeamentos detalhados que cruzem dados sobre a ocorrência da violência (ou das oportunidades para que ela ocorra) em sincronia com a opção religiosa e o consequente comportamento social condizente à religião escolhida, então traçando índices entre a religião e a violência.

Apesar da dificuldade encontrada, um *survey* aplicado em 2006 pelo Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP) e gentilmente cedido ao Departamento de Ciências da Religião da PUC-SP apresentou como objetivo conhecer opiniões acerca da questão da violência urbana em cruzamento com a opção religiosa de moradores de três distritos da região do extremo sul da cidade de São Paulo. Conhecidos

¹⁶ A violência nas grandes cidades mudou seus traços nas últimas décadas, pois atualmente está ligada, em sua maioria, aos tráficos (principalmente de drogas) e ao crime organizado. A violência faz parte de um negócio inteligente. Segundo Abumanssur (2009), “a violência é a forma como esse *business* se institui nas classes populares e se espalha pelas demais classes à medida que o negócio cresce e se solidifica. (...) a violência não é mais fruto exclusivo da carência, mas se constitui no *modus operandi* de empreendimentos criminosos nas regiões mais pobres das metrópoles. No entanto, ainda que mude a estrutura e o perfil da violência, é sobre a mesma população carente que ela acaba incidindo com maior frequência estatística”.

como bairros perigosos por deficiências na segurança pública e na oferta de serviços públicos essenciais à população, foram escolhidos: Capão Redondo, Jardim Ângela e Jardim São Luiz.

Em *Religião e Violência*, Abumanssur (2009) expõe esta pesquisa, a qual apresenta dados sobre a incidência de violência e os cruza com a opção religiosa da população entrevistada. A coleta abrangeu 63,7% de católicos, 18,7% de evangélicos (pentecostais, neopentecostais, Adventistas, Testemunhas de Jeová e protestantes históricos como Batistas, Metodistas e Presbiterianos) e 14,8% de outras religiões. Houve também os declarados ateus (1,5%) e os que não opinaram (1%).

Este levantamento realizado pelo NEV-USP, de caráter inédito acerca do assunto, se adequou de forma objetiva à hipótese levantada por este estudo, buscando explorar as relações entre o crescimento da violência urbana correlacionado com a opção religiosa dos grupos que vivem nas periferias e bairros em condição de pobreza da cidade de São Paulo. Ou seja, investigar se os grupos pentecostais sofrem ou não menos os efeitos crescentes da violência do que aqueles grupos não adeptos do pentecostalismo. Foi realizado um questionário focado na questão da violência cruzando as respostas com a opção religiosa dos entrevistados:

1. Alguém o(a) ameaçou com um revólver para roubar algo seu?
2. Alguém o(a) agrediu com palavras de baixo calão?
3. Alguém o(a) ameaçou com uma faca para roubar algo seu?
4. Algum policial ou autoridade o ameaçou para tirar-lhe algum dinheiro?
5. O(a) sr(a) mudou de casa por medo ou ameaça de violência?
6. Alguém lhe ofereceu drogas?
7. O(a) sr(a) sofreu alguma agressão física (tapa, soco, pontapé, etc.)?
8. O(a) sr(a) sofreu algum tipo de agressão ou maus tratos policiais?
9. O(a) sr(a) foi ferido(a) por arma de fogo, como revólver?
10. O(a) sr(a) já sentiu necessidade de andar armado?
11. Alguém lhe pediu informações sobre onde comprar drogas?
12. O(a) sr(a) ou algum parente próximo foi ameaçado de morte?
13. Algum parente próximo foi ferido por arma de fogo ou faca?
14. Algum parente próximo foi sequestrado?
15. Algum parente próximo foi assassinado?

Examinando este *survey*, interpretam-se dados importantes que levam a conjecturar o porquê que os pentecostais – com o comportamento rigoroso exigido pela religião –

sofrem menos violência nas periferias e bairros pobres de São Paulo. Em uma comparação geral entre católicos e evangélicos, nas perguntas sobre:

Assaltos:

3,3% de católicos sofreram assaltos

2,8% de evangélicos sofreram assaltos

Agressão física:

8% de católicos sofreram agressões físicas

4,2% de evangélicos sofreram agressões físicas

Vítimas na família:

6,6% de católicos tiveram parentes feridos

1,4% de evangélicos tiveram parentes feridos

Parentes ameaçados de morte:

10,7% de católicos tiveram parentes ameaçados

8,4% de evangélicos tiveram parentes ameaçados

Mesmo que a amostra de entrevistados (378 pessoas) nos três bairros periféricos escolhidos não seja um número tão expressivo quanto uma pesquisa realizada em nível nacional, justamente foi a partir deste inédito levantamento do NEV-USP (que cruza os dados de violência com a variável religião), que levou à possibilidade de construir a compreensão da questão aqui tratada, evidentemente junto aos índices das outras relevantes pesquisas divulgadas.

Somadas ao complexo processo histórico político, econômico e social brasileiro, aqui expressado, todas as informações ora levantadas fortalecem a confirmação da hipótese inicial desta Iniciação Científica: buscar explicações em saber por que os grupos religiosos que requerem maior comprometimento de seus seguidores crescem com tanto vigor nas periferias e zonas na condição de pobreza. O comportamento social imposto e a criação das redes de apoio entre os seguidores do pentecostalismo de fato demonstra que esta religião exerce significativo poder de influência na vida cotidiana, reduzindo consideravelmente os acontecimentos de violência neste grupo.

Considerações

Investigando a relação entre o crescimento do pentecostalismo nas áreas pobres e periféricas da cidade paulistana com a significativa violência urbana também existente

nestas mesmas áreas, foi possível verificar que os fiéis pentecostais tendem a sofrer menos violência do que os grupos não pentecostais. Sem a pretensão de encerrar o complexo assunto, isso se dá, principalmente, em função das exigências de um comportamento peculiar deste segmento religioso, o qual pede e impõe uma transformação radical na postura e nos hábitos do recém-convertido e por toda sua permanência na religião.

A amplitude da expansão evangélica pentecostal tornou-se um fenômeno de impacto nacional. Pela identificação das expressivas taxas de crescimento, pode-se afirmar que a escolha das populações mais empobrecidas por aquelas religiões que impõem como dever um comportamento estrito de seus seguidores, não é resultado de uma escolha irracional. Afinal, as expectativas de benefício para os fiéis são suficientemente objetivas e sentidas por eles no cotidiano de vida em uma comunidade na condição de vulnerabilidade e também de risco social.

Localizar índices específicos que determinassem a relação existente entre a conversão ao pentecostalismo como uma das estratégias claras de sobrevivência nos bairros empobrecidos – especialmente dados quantitativos – foi certamente uma atividade laboriosa, devido à carência de trabalhos detalhados que mapeassem esta transformação comportamental e sua consequência na vida social. Porém, unindo taxas e índices de outras pesquisas oficiais e estudos científicos, foi possível construir claras deduções que se ajustam de maneira harmoniosa à hipótese inicial levantada e na construção desta discussão.

À vista disso, com os dados oficiais aqui apresentados e problematizados se reconhece que o comportamento social exigido dos seguidores pentecostais, a inserção em redes sociais e de proteção, com apoio mútuo material e espiritual que os fiéis trocam entre si exercem notável influência nos acontecimentos de violência e de seus efeitos em comparação aos comportamentos de outros grupos religiosos, principalmente em locais onde a carência material e a violência estão veementemente escancaradas.

Os costumes e rituais pentecostais podem parecer um tanto quanto despropositados àquele que observa externamente esta dinâmica. Porém, o benefício para o convertido está em tornar pública sua “marca evangélica”, a qual lhe dá respeito e segurança (até mesmo pelo crime organizado, que vê no pentecostal uma espécie de “sinal santo”, portanto passível de respeito). Afinal, pertencer a um grupo que faz renúncia à violência é condição para manter-se vivo no cotidiano da periferia. Por outro lado, o benefício para as igrejas pentecostais está em crescer cada vez mais por todo país, seja no crescimento religioso,

seja no comercial. Desbancar a hegemonia de mais de 500 anos do catolicismo brasileiro talvez seja também um ideal do universo pentecostal.

Contudo, a certeza que existe está fundada nos índices levantados sobre violência e segurança pública produzidos até então no país. Por mais que a face da violência nas grandes metrópoles tenha mudado nos últimos tempos – tráfico de drogas, crime organizado, corrupção – ainda assim esta mesma violência continua a recair com mais evidência sobre a população pobre, vulnerável e que vive em constante risco social. No pensamento pentecostal, ser um fiel é talvez o mais prudente sinônimo para melhor sobreviver nas periferias e nos bairros pobres e ignorados pelo poder público da cidade de São Paulo.

Referências Bibliográficas

ABUMANSUR, Edin Sued. “Religião e violência”. In: Afonso Maria Ligório Soares e João Décio Passos. (org.). *A fé na metrópole: desafios e olhares múltiplos*. São Paulo: EDUC/Paulinas, 2009, pp. 347-368.

ADORNO, Sérgio. “Exclusão socioeconômica e violência urbana”. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, jul/dez. 2002, pp. 84-135. <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a05.pdf> – Acessado em 20/maio/2010.

ALMEIDA, Ronaldo de. “Religião na metrópole paulista”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, vol. 19, n.º. 56, out/2004, pp. 15-27.

ALMEIDA, Ronaldo de. “Os pentecostais serão maioria no Brasil?” In: *Revista de Estudos da Religião*, REVER/PUC-SP, dez/2008, pp. 48-58.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1989.

CAMPOS JR., Luis de Castro. *Pentecostalismo: sentidos da palavra divina*. São Paulo: Ática, 1995.

FRESTON, Paul. “Visão histórica do pentecostalismo brasileiro”. In: Alberto Antoniazzi (et al.). *Nem Anjos, nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, pp. 67-131.

MARIANO, Ricardo. “Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal”. In: *Estudos Avançados*, vol. 18, n. 52, dez/2004, pp. 121-138.

MARIANO, Ricardo. “Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos”. In: *Revista de Estudos da Religião*, REVER/PUC-SP, dez/2008, pp. 48-58.

MARIANO, Ricardo. “Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil”. Tese de Doutorado em Sociologia. São Paulo: USP, 2001.

MARTUCCELLI, Danilo. “Reflexões sobre a violência na condição moderna”. In: *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, vol. 11, n. 1, mai/1999, pp. 157-175.

PASSOS, João Décio. “A matriz católico-popular do pentecostalismo”. In: João Décio Passos. (org.). *Movimentos do espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: Paulinas, 2005, pp. 47-78.

PIERUCCI, Flavio. PRANDI, Reginaldo. (orgs.). *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOARES, Luiz Eduardo. “Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência”. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (et. ali). *Linguagens da Violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ZALUAR, Alba. *Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização*. São Paulo em Perspectiva, SEADE, vol. 13, n. 3, set/2009, pp. 3-17.

<http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n3a01.pdf> – Acesso em 30/junho/2010.